

Jornal de Notícias

Quanto
é que você dava
para falar agora
com a sua chefe?



Ligue (0931) 12 75 e conheça
as novas tarifas Telecel.

PÁG. 15

Dez dias para abalar a abstenção

Campanha
do referendo
arranca
com Guterres
em Vila Real

Marcelo
em Poiães,
Carvalhas
em Lisboa
e Portas
em Leiria

PÁG. 55

LEONEL DE CASTRO



Um golo de cabeça de Jardel, no prolongamento, impediu a União de chegar a comandante

Dragões safaram-se

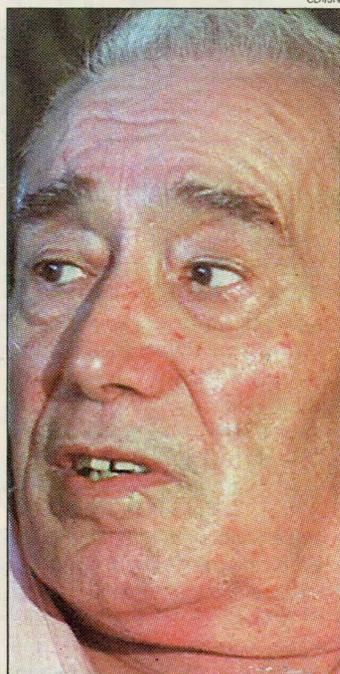
Golo de Jardel em Leiria põe Leões na frente

PÁG. 48

CDUJN

Último acorde da valsa lenta

Com a morte
de Cardoso Pires
o país perde
figura cimeira
da modernidade
literária
e um humanista



O escritor esteve quatro
meses em coma profundo

PÁG. 43

Fábrica de remédios altamente sofisticada a inaugurar em Tondela

Empresa
modelar
produzirá
antibióticos
sem esquecer
o meio ambiente

Portugal
Telecom.
Ligada a si.



Desconto
de 15% nas
chamadas
Nacionais
e de 5% nas
Internacionais.
Adesão Grátis.

n.º verde:
0800 25 10 25

Família
e amigos PT

A segunda morte de Cardoso Pires

O escritor faleceu ontem em Lisboa, após quatro meses de coma. Antes, tinha retratado a sua experiência da agonia em "Valsa Lenta"

LUÍS BIZARRO BORGES

José Cardoso Pires morreu. Foi o segundo encontro do escritor com a morte. No meio do trajecto recuperou a lucidez dos mortais para testemunhar a sua diáfana experiência em "De Profundis — Valsa Lenta". A partir de agora só há uma memória: a obra de um dos nomes grandes da literatura portuguesa deste século.

O escritor faleceu ontem de madrugada, no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, após quatro meses de coma na sequência de uma doença cerebral. Tinha 73 anos.

Quando em 1995 José Cardoso Pires mergulhou em coma profundo, resultante de um acidente vascular cerebral, o espólio literário que tinha construído durante décadas já estava afirmado. Um duplo e extraordinário folgo aconteceu entretanto. O escritor emergiu da morte cerebral, retratou os territórios em que viveu na ausência de memória, e "De Profundis — Valsa Lenta" transformou-se num livro de rápidas reedições. Maldade ou fortuna do destino, Cardoso Pires visitou as sondas da morte para relatar — com uma lucidez testemunhal só possível a quem passou pela experiência — os encontros entre si e o seu "alter ego".

Este homem que vivia de traduções e foi desencorajado de ser jornalista percorria as tertúlias da Lisboa dos finais dos anos 40 ao lado dos neo-realistas. Mas quando Cardoso Pires publicou o livro "Os Caminheiros e Outros Contos", já fazia parte do grupo que contestava aquele movimento, junto de O'Neil e Cesariny.

No entanto sempre se mostrou renitente a identificar-se com o surrealismo, que classificava de demagógico e romântico. A explicação de ruptura com o neo-realismo e a passagem para outro lugar na literatura encontrou-a na mudança de sintaxe, da rural para a citadina. Ou seja, fartou-se dos que escreviam "sobre Lisboa com cheiro às Beiras".

Mais do que rebeldia, José Cardoso Pires tinha um apurado sentido de liberdade, avesso à disciplina moral, social, política e literária. Mostrou isso em relação à família, com a qual foi "o mais independente possível", sem prejuízo de afirmar que a sua mulher era a pessoa que mais gostava no mundo; mostrou isso em relação à ligação partidária, com o seu afastamento do Partido Comunista no dia 26 de Abril de 1974, após uma parceria de vários anos; mostrou isso em relação à escrita, com um indistigável desejo de "corromper a língua".

A subversão na literatura



José Cardoso Pires com o livro "De Profundis — Valsa Lenta", com o qual recebeu o Prémio da Crítica 1997

Emergiu da morte e retratou os territórios em que viveu

atinge vários códigos. José Cardoso Pires evocava duas condições para escrever bem: "A primeira é saber gramática, a segunda é esquecê-la". Neste processo de desmontagem, de "estragar descobrindo", cabe também a arquitectura dos seus livros, sustentada por uma linguagem cinematográfica. Aliás, algumas obras foram mesmo materializadas em filme, como "A

Balada da Praia dos Cães" e "O Delfim".

Mas o percurso de crescimento e maturidade têm sempre referências no tempo. Cardoso Pires nunca escondeu as primeiras influências nos escritores norte-americanos, designadamente em Stephen Crane e Hemingway. Gostava do discurso directo, da linguagem despida de adjectivos. No princípio era assim, mas depois o processo de escrita foi diferente. Gostava de dizer que escrevia sempre em equilíbrio no "gume da lâmina", assim, procurando não cair para nenhum dos lados. Alertava, no entanto, que uma escrita como a sua, "simples, substantiva e sem barroquismos" só é um estilo se existir sobre ela uma reflexão. Mas não

Escrevia sempre em equilíbrio no "gume da lâmina"

se trata de uma receita. É antes um fluir consciente e articulado que, a existir desequilíbrio, é preferível "pecar por defeito do que por excesso". Mais explicitamente, nas palavras do escritor: "Prefiro dizer de menos do que dizer de mais, porque se digo de mais, mato o leitor".

Mas não se veja naquelas palavras qualquer atenção especial de Cardoso Pires pelo público.

Nunca escrevia a pensar nos leitores, dizia mesmo estar-se "nas tintas" para eles. Tinha, no entanto, um vigilante particular, "um leitor ideal", que era um "desdobramento" daquilo que ele "gostava de ser".

Escrever então para quem? Esta questão nunca foi muito pertinente para Cardoso Pires. Afinal, de uma maneira ou de outra, todos os escritores escrevem para si próprios. É uma via possível de encontro consigo mesmo, mas também um caminho perigoso. O escritor que pense que se encontrou a si próprio está esgotado: "A tranquilidade de se considerar pleno impede-o de fazer alguma coisa de novo".

"De Profundis". José Cardoso Pires.

Nos caminhos de um caminheiro

Originalidade e qualidade da escrita mereceram reconhecimento português e internacional

O funeral de José Cardoso Pires realiza-se hoje, às 11 horas, no cemitério do Alto dos Prazeres, em Lisboa — o corpo do escritor, que se encontrava desde ontem em câmara ardente no palácio das Galveias, será cremado, seguindo depois as cinzas para o Mausoléu dos Escritores.

José Cardoso Pires viveu numa observação atenta e singular da realidade e retratou-a ao longo de uma extensa carreira literária.

A originalidade e qualidade da sua escrita mereceram reconhecimento a nível nacional e internacional, encontrando expressão no rol de prémios literários que foi arrecadando — o primeiro, Prémio Camilo Castelo Branco, chegou em 1963 com "O Hóspede de Job", um protesto contra a guerra colonial portuguesa, "in memoria" do seu irmão mais novo que faleceu aos 21 anos num acidente de aviação, durante o serviço militar.

O talento do autor já havia sido distinguido em 1991 com o importante prémio União Latina de Literatura, deixando para trás candidatos tão fortes como Marguerite Duras ou Gonzalo Torrente Ballester.

Grande parte da obra de Cardoso Pires evoca os tempos da ditadura de António Salazar e de Marcelo Caetano. "Balada da Praia dos Cães" (Grande Prémio do Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores) é, porventura, a sua obra mais conhecida — o romance, levado ao cinema pelo realizador português José Fonseca e Costa, constitui, em certo sentido, um retrato vivo das condições sociais.

Em 1992 arrecadou o Astrolábio de Ouro do Prémio Internacional Último Novecento (Pisa). Em 1997 recebeu o prestigiado Prémio Pessoa, e em 1998 foram-lhe atribuídos o Prémio D. Dinis, da Fundação da Casa de Mateus, o Prémio Vida Literária da Associação Portuguesa de Escritores (APE) e o Prémio de Crítica do Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários.

Recentemente, o escritor comentou essa "vaga" de distinções como um dos efeitos do fenómeno literário, imprevisível por natureza, "algo bastante estranho, sem uma velocidade uniforme, pautado pelas subidas bruscas e pelas descidas às vezes caóticas".

De todas as distinções recebidas, a última foi-lhe entregue a 2 de Julho passado, numa cerimónia pri-



Os restos mortais de Cardoso Pires estiveram em câmara ardente no Palácio Galveias

vada que decorreu na casa do escritor, em Lisboa, onde, com familiares e amigos pelo braço, escutou emocionado as palavras de louvor que lhe foram dirigidas.

O seu estado de saúde mostrava-se delicado, na sequência de novo acidente vascular cerebral sofrido em Abril último. Notava-se na fala, lenta, esforçada. Mas o sentido de humor era o mesmo de sempre, e até a esse propósito não resistiu à pequena brincadeira: "Estou assim por causa dos músculos da voz. Foi uma das coisas que aprendi com isto. Não fazia ideia que a voz tinha músculos".

Na ocasião, acolheu com um sorriso, e certamente não sem surpresa, o curioso relato de um dos presentes, o estudioso Liberto Cruz, segundo o qual Mário Soares desistira ainda jovem de ser escritor ... por sua causa — ao que aí se soube, o ex-Presidente da República vinha adiantando a escrita uma obra de sua autoria quando lhe chegou às mãos "O Delfim": rendido à escrita de Cardoso Pires, terá então decidido abandonar os seus propósitos literários.

Funeral às 11 horas no cemitério do Alto dos Prazeres

Nascido em São João do Peso, Castelo Branco, a 2 de Outubro de 1925, sempre se assumiu como "lisboeta". Recentemente declarou em entrevista a um jornal diário que "a alegria do escritor é estar sozinho e resolver-se a si próprio".

Casado durante mais de 40 anos com Edite Cardoso Pires, enfermeira de profissão, duas filhas, afirmou então que escrevia a pensar que estava a renovar o mundo. Defendia, por isso, que os escritores são seres insatisfeitos e incómodos.

Costumava dizer que escrevia "pouco e lentamente", sem regras ou disciplina de trabalho, e anunciara para breve o lançamento de um novo livro. Contudo, ainda em

Julho recusara levantar a ponta do véu sobre o projecto que tinha em mãos, argumentando que de todas as vezes que no passado o fizera, sempre acabara por se arrepende.

"Acontece-me muito pensar que vou escrever sobre um determinado tema, e de repente mudo tudo", disse.

Sobre o notável sucesso alcançado pela obra "De Profundis — Valsa Lenta", o escritor atribuiu-o ao tema retratado, a morte. "Felizmente, a morte discute-se hoje como nunca se discutiu. Fala-se abertamente de assuntos como a eutanásia e o aborto, e descobriu-se que a morte não é algo de sagrado, no sentido escolástico do termo. Passou a ser encarada como qualquer coisa que faz parte do ciclo da vida", afirmou então. Mas logo em seguida defendeu: "A literatura é vida, mas é também morte, ou seja, é a discussão da morte. Enquanto houver morte há literatura. Mas só se escreve porque se gosta da vida".

Chamará Deus a si aqueles que mais ama?

Ficção, Teatro, Ensaio e Crónica com tradução em 15 línguas

José Cardoso Pires deixa uma vasta obra nos domínios da ficção, teatro, ensaio e crónica, com tradução em 15 línguas.

Ao todo José Cardoso Pires escreveu 11 obras de ficção, entre contos, fábulas e romances, sendo "Balada da Praia dos Cães" uma das mais conhecidas do grande público, em virtude da sua adaptação cinematográfica.

O primeiro trabalho na área da ficção surgiu em 1949 com o livro

"Os Caminheiros e Outros Contos", seguindo-se "Histórias de Amor" (1952), "O Anjo Ancorado" (1958), "Jogos de Azar" e "O Hóspede de Job" (ambos de 1963), "O Delfim" (1968), "Dinossauro Excelentíssimo" (1972), "O Burro em Pé" (1979), "Balada da Praia dos Cães" (1982) "Alexandra Alpha" (1987) e "República dos Corvos" (1988).

No domínio do teatro, Cardoso Pires foi autor de duas peças: "O

Render dos Heróis" (1960) e "Corpo-Delito na Sala de Espelhos" (1980). Na área do ensaio escreveu "E Agora José?" (1977) e "Cartilha do Marialva" (1960).

As últimas obras do autor são crónicas e textos de memórias. Dos seus títulos neste domínio, "De Profundis, Valsa Lenta" surge em destaque, por se tratar da descrição da sua experiência da coma, depois de um acidente vascular cerebral. No mesmo ano em que

lançou "De Profundis", Cardoso Pires publicou ainda aquela que seria a sua derradeira obra: "Lisboa, Livro de Bordo", espécie de roteiro pessoal da cidade que o escritor sempre assumiu como sua, apesar de Beirão de nascença.

Ainda no capítulo das crónicas e memórias, o escritor publicou também "Cardoso Pires por Cardoso Pires" e "A Cavalada do Diabo" (1994).

Libertação mas também grande perda

O Prémio Nobel da Literatura José Saramago quis evitar "lugares comuns" como "é uma grande perda para a literatura e para a cultura portuguesas": "Estas palavras, repetidas mil vezes para pessoas diferentes, esvaziam-se de significado", justificou. "É uma infelicidade que já se esperava, mas quando aconteceu o golpe, não deixa de ser duro". Para o escritor, "os efeitos da morte de Cardoso Pires não são imediatos, a consciência do desaparecimento vem mais tarde".

Para Agustina, a morte de Cardoso Pires foi, certamente, "uma libertação", tendo em vista o estado de coma em que se encontrava, há meses, mergulhado. Mas, ao mesmo tempo, "representa também uma grande perda para as nossas letras".

Ele era, como descreveu o crítico Fernando J. B. Martinho, "um homem mergulhado na vida" ou, nas palavras de Inês Pedrosa, autora de uma fotobiografia a lançar em 1999, "um grande observador".

Era, essencialmente, um "grande conhecedor da vida, um grande amador da vida", conforme evocação do ensaísta Eduardo Lourenço. Alguém, como o recordou o presidente da República, Jorge Sampaio, que "conhecia a vida e as voltas que ela dá".

Mais ou menos expansivos — Fonseca e Costa, que levou ao cinema "Balada da Praia dos Cães, entendia mesmo que "a morte não se comenta" —, escritores, críticos e políticos são unânimes no elogio à obra de um escritor, que colocam entre os maiores do século XX.

De José Manuel Mendes, presidente da APE, a Luís Francisco Rebello, da SPA, passando pelo director da Biblioteca Nacional, Carlos Reis, todos o apontam como autor de uma prosa que marca a diferença — Carlos Reis reclama mesmo para uma das obras mais emblemáticas do escritor agora desaparecido, "O Delfim", o mérito de marcar "o antes e o depois da ficção portuguesa", por romper "corajosa e definitivamente com o pesado legado neo-realista sem abdicar de uma funda e constante preocupação com o real envolvente". A mesma leitura faz o presidente da SPA, que vê em Cardoso Pires um autor que "alia numa síntese habilidíssima à reflexão sobre o modo português de ser e viver à desarticulação das estruturas narrativas tradicionais".

Cardoso Pires deu, em suma, um contributo para a modernidade, conforme testemunho do ministro da Cultura, Manuel Maria Carrilho, que elege "O Delfim" entre a obra daquele que considera "um dos grandes vultos dos últimos 50 anos da Literatura portuguesa".

"Um escritor brilhante", "grande contador de histórias", segundo o primeiro-ministro, António Guterres.

"Com ele desapareceu um dos nossos grandes prosadores, um dos maiores. Disso não é ocasião para falar — são tão poucos os amigos que, ao desaparecer um deles, e ele não era um qualquer, se fica na verdade mais pobre; perdoe-se o lugar comum", disse o poeta Eugénio de Andrade.